

# David Howard, Joshua-Ruth, Sessão 11

## Convênios

© 2024 David Howard e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David Howard em seu ensinamento sobre os livros de Josué até Rute. Esta é a sessão 11, Excursus dos Convênios.

Olá. Neste segmento, vamos nos afastar do livro de Josué e falar sobre o que eu consideraria uma estrutura importante do que chamaríamos de teologia bíblica. Gosto de ver isso em termos das principais alianças da Bíblia. Na verdade, essas alianças estão todas no Antigo Testamento, até mesmo no Novo.

O Antigo Testamento aponta para o Novo. Quero falar sobre cada um deles, ou pelo menos sobre a aliança abraâmica e as coisas que dela decorrem, como forma de estabelecer a estrutura para todos os três livros sobre os quais estamos palestrando aqui. Estamos no livro de Josué, e há coisas importantes da aliança abraâmica que acontecem no livro de Josué.

No livro de Juízes, coisas semelhantes, mas também algumas coisas importantes que apontam para a aliança davídica no livro de Juízes, e também no livro de Rute. Este segmento será aplicável a todos os três livros como definição da estrutura e cenário. Para começar, gostaria de começar examinando a aliança abraâmica.

Se você tiver sua Bíblia, pegue-a e abra-a em Gênesis, capítulo 12. Veremos o texto lá. Apenas para fins mais amplos, o texto principal da aliança abraâmica em Gênesis seria provavelmente Gênesis 12, 15 e 17.

Muitos outros lugares onde outras coisas são reiteradas, mas esses são os textos principais que, se você quiser fazer um estudo mais aprofundado, seriam esses. Uma coisa que faço em minhas aulas é dar a tarefa de que os alunos leiam esses capítulos e façam uma lista de todas as coisas que Deus pretende dar a Abraão ou fazer por ele. Há uma grande abundância de coisas, 15 ou 20 itens que normalmente criamos.

Veremos alguns deles aqui enquanto discutimos a aliança. Começaremos examinando Gênesis 12. Particularmente os três primeiros versículos preparam o cenário.

Para definir o pano de fundo disso, olharemos para o final do capítulo 11 e lembraremos que Abraão, seu nome original era Abrão, e seu pai era Terá, capítulo 11, versículos 27 e seguintes. Abrão era originalmente de Ur, mas veio com seu pai, Terá, no norte da Mesopotâmia, em um lugar chamado Harã. Foi para lá que Deus o chamou.

Seu pai, Terá, morreu em Harã, capítulo 11, versículo 32. Agora no capítulo 12, versículos 1 ao 3, vemos as primeiras palavras que Deus fala a Abrão. Iremos analisá-los e fazer alguns comentários aqui.

No capítulo 12, versículo 1, o Senhor disse a Abrão: sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. Novamente, talvez para lembrá-lo do mapa. Muito fora de escala, mas Abrão esteve em Ur, no sul, e está em algum lugar aqui perto de Harã.

Isso deveria estar mais longe aqui. Ele diz: vá para a terra que eu lhe mostrarei, que é a terra de Canaã, aqui. Vou continuar lendo e depois voltaremos e faremos alguns comentários.

O versículo 2 diz, e farei de você uma grande nação e te abençoarei e engrandecerei o seu nome para que você seja uma bênção. Abençoarei quem te abençoa e quem te desonra, amaldiçoarei e em ti serão abençoadas todas as famílias da terra. Não sei se você notou um pouco de ênfase na forma como li o texto, minha leitura dramática, mas isso não foi feito apenas por capricho, mas foi feito porque eu estava tentando refletir a construção gramatical em hebraico por trás daqueles verbos. nos versículos 2 e 3. Há uma série de cinco verbos, três deles no versículo 2, que em hebraico são chamados de coortativos.

As coortativas têm uma ênfase especial e por isso tentei enfatizá-la aqui. A questão aqui é que Deus está dizendo: pretendo fazer essas coisas e o subtexto é que ninguém pode me impedir. Poderíamos parafrasear dizendo: Definitivamente pretendo fazer de você uma grande nação, versículo 2. Definitivamente pretendo abençoá-lo. Definitivamente pretendo engrandecer o seu nome, versículo 3. Definitivamente pretendo abençoar aqueles que te abençoam e aquele que te desonra, definitivamente pretendo amaldiçoar. Essa é a ideia.

Em outras palavras, mostra que Deus está colocando em ação esta grande aliança e é o meio pelo qual ele trará bênçãos às nações e a toda a terra.

É uma iniciativa de Deus e ninguém vai impedi-lo. Em essência, é uma aliança incondicional. Deus está fazendo isso, ninguém pode impedi-lo.

Os indivíduos podem optar por participar ou não, veremos isso mais tarde, mas a estrutura da aliança não entrará em colapso apenas por causa da desobediência de um indivíduo. Outra coisa que vou destacar, no final do versículo 2, muitas versões dizem algo assim, eu abençoarei, farei de você uma grande nação, te abençoarei, engrandecerei o seu nome, e você será uma bênção. Literalmente em hebraico, diz, e seja uma bênção.

É um comando. A versão King James diz isso. Acho que o New American Standard tem uma nota de rodapé na margem que diz isso.

Esse tipo de construção com o e então o que é chamado de infinitivo absoluto do verbo to be é usado de uma forma que poderíamos chamar de cláusula de propósito ou de resultado. Não são apenas quatro coisas: farei de você uma grande nação, te abençoarei, engrandecerei seu nome e você será uma bênção. Em vez disso, diz que as três primeiras coisas são para o propósito da quarta coisa, com o resultado de que a quarta coisa entra em jogo.

Ou seja, Deus vai fazer de Abraão uma grande nação, abençoá-lo, engrandecer seu nome, não apenas por causa dele, mas com o propósito de que, no final do versículo 2, ele seja uma bênção. O subtexto é compreendido por outros. Imediatamente, no início de toda esta grande seção sobre as promessas de Deus a Abraão, fica claro que Deus quer usar Abraão como um meio de abençoar os outros.

Abraão será o destinatário da bênção, mas também o meio de abençoar os outros. Isto tem suas raízes na parte inicial de Gênesis, em Gênesis 3, quando Deus fala com a serpente e lhe diz que haverá um conflito entre ele e a mulher, e sua semente e a semente dela, e a semente da mulher. triunfará sobre a própria semente da serpente, Gênesis 3, versículo 15. Esse é o primeiro vislumbre de esperança no Antigo Testamento, na Bíblia, depois que o pecado entrou no mundo.

É muito amplo, muito indiferenciado, muito vago, mas agora este texto aqui é o começo para focar mais e tornar mais explícito que Deus irá realizar a vitória sobre a serpente através da linhagem de Abraão, e haverá ser uma bênção para os outros. Agora, se não entendemos isso no final do versículo 2, vemos isso muito claramente no versículo 3, porque o versículo 3 diz, abençoarei aqueles que te abençoarem, e por outro lado, aquele que te desonra eu amaldiçoarei. , e então, através de você, todas as famílias da terra serão abençoadas. Agora, obviamente, da nossa perspectiva na era do Novo Testamento, podemos olhar para trás e ver que a bênção sobre as nações e a bênção sobre a terra e todos os povos veio através de Cristo, sua vida e obra e morte e ressurreição, mas ao longo a propósito, através do próprio Antigo Testamento, à medida que avançamos, podemos ver que Abraão, o próprio Abraão, por exemplo, foi uma bênção muito em diversas vezes, e vemos os israelitas sendo uma bênção para, por exemplo, Raabe , como alguém que veio para abraçar a fé de Israel.

Jonas leva a mensagem e é um meio de abençoar a nação da Assíria, Nínive. E assim, às vezes temos a impressão de que Deus está limitado a um interesse em Israel no Antigo Testamento e nos gentios no Novo, mas desde o início, aqui em Gênesis 12, vemos que Abraão e seus descendentes pretendem ser uma bênção para os outros e trazer uma bênção para o mundo, não apenas para a sua própria nação míope e nacionalista. Jonas, o homem, indicou esse tipo de perspectiva.

Ele estava, e invejou que os ninivitas recebessem uma bênção de Deus, mas o livro de Jonas nos conta uma história mais ampla. E isso está enraizado aqui em Gênesis 12. Então, o que Deus fará com Abraão? Ele fará dele uma grande nação, abençoá-lo-á, engrandecerá seu nome.

Então isso será através dos descendentes. No capítulo 12, versículo 7, menciona que ele lhe dará a terra. O Senhor lhe disse: À tua descendência darei esta terra.

Abraão constrói um altar ali. Passamos pelo próximo capítulo, capítulo 15, falamos com ele sobre a semente. Os descendentes estarão lá.

Menciona a terra novamente. E deixe-me apenas apontar o capítulo 15. Sobre o qual ele fala, que Deus fala com Abraão no versículo 12 e seguindo sobre sua descendência e eles serão peregrinos.

Eles serão estrangeiros. Eles próprios serão os Ger em uma terra estrangeira. Obviamente, mais tarde descobriremos que será o Egito, mas eles vão trazê-lo de volta depois de 400 anos.

Deus trará julgamento sobre eles. E diz no versículo 16, capítulo 15, que eles, seus descendentes voltarão na quarta geração porque a iniquidade dos amorreus ainda não está completa. Os amorreus é outra palavra para os cananeus.

E então aqui temos uma prévia do que acontecerá no livro de Josué quando Deus os trouxer de volta àquela terra e ele usar, essencialmente, usar Israel, como seu instrumento contra os cananeus. Parece que Deus terá paciência e esperará. Mas chegará o tempo em que o pecado dos amorreus atingirá o ponto crítico em que Deus não dirá mais nada.

E é isso que vemos no livro de Juízes e no livro de Josué. Agora, então esse é o primeiro grande pacto. Esse é o primeiro grande pilar da teologia do Antigo Testamento, a teologia bíblica.

O segundo grande pilar é o que chamamos de aliança mosaica. E este é todo o grande conjunto de literatura que encontramos em Êxodo e Levítico, Números e Deuteronômio. Isso é o que foi mencionado repetidamente no livro de Josué.

Este livro da lei não se afastará da sua boca e eles mantêm um pacto no final do livro de obedecer à lei e coisas assim. Portanto, isto tem enormes implicações para a vida em Israel através das gerações. E isso é mencionado repetidamente em todo o resto das Escrituras, em todo o Antigo Testamento, com certeza.

É comemorado. Vemos no Salmo 119, por exemplo, o Salmo mais longo, o capítulo mais longo da Bíblia. Praticamente todos os versículos desse Salmo, 176 versículos, mencionam a palavra de Deus, a lei de Deus, seus estatutos, suas ordenanças, mandamentos, etc.

E isso é algo que o verdadeiro crente deve abraçar como fonte de vida para eles. O apóstolo Paulo parece falar da aliança mosaica como algo a ser evitado e algo a ser superado e como algo que nos une. Mas até mesmo Paulo tem coisas boas a dizer sobre isso também.

E acho que podemos, sem entrar em detalhes, que há lugares no Antigo Testamento que falam sobre Israel circuncidar o coração. E essa seria a ideia de uma atitude interna do coração, e não de sacrifícios externos de acordo com a aliança. Portanto, mesmo aquela dicotomia de que às vezes ouvimos falar, de que a salvação do Antigo Testamento era através de obras ou sacrifícios, coisas externas, é desmentida e é contradita por outros textos do Antigo Testamento.

Deuteronômio 10, por volta do versículo 15 ou 16, fala sobre circuncidar o coração. Jeremias capítulo 4, versículo 4, menciona esse e vários outros lugares. E assim, o próprio Antigo Testamento está ciente da ideia de manter a fé como o cerne disso.

A observância dos mandamentos é o indicador externo disso. Acho que é a mesma perspectiva que vemos nas tensões entre a ênfase do apóstolo Paulo na salvação ser somente pela fé, não pelas obras. E ainda assim Tiago fala que a fé sem obras está morta.

É a mesma coisa que vemos no Antigo Testamento. Agora, há um versículo muito crítico em Gênesis 26 que nos ajuda a ver a relação entre as alianças abraâmica e mosaica. Então, vamos voltar a isso.

Abra em Gênesis 26 nos primeiros versículos. Neste ponto, Abraão morreu e Isaque, você sabe, é seu filho. E Deus reitera a Isaque a essência das muitas promessas que ele havia feito a Abraão anteriormente.

E esse é o cerne disso nos versículos 3 a 5. E então no versículo 3, Deus diz a Isaque, peregrine nesta terra. Eu estarei com você. Existe a promessa de um relacionamento.

Eu vou te abençoar. Para você e sua descendência darei todas essas terras. Então, tem a prole, tem a terra.

Estabelecerei o juramento que fiz a Abraão, teu pai. Então isso continuou. Multiplicarei a sua descendência como as estrelas do céu.

Dê a eles todas as terras. E na sua descendência todas as nações da terra serão abençoadas. Então esses são todos os ecos de Gênesis 12, 15, 17.

Mas agora o que eu realmente quero focar aqui é o versículo 5. E tudo isso porque Abraão obedeceu à minha voz. E então observe a sequência de palavras que segue aqui. Na minha versão, diz que ele guardou o meu encargo, os meus mandamentos, os meus estatutos e as minhas leis.

Abraão, Deus diz, Abraão guardou meu encargo, meus mandamentos, meus estatutos e minhas leis. Agora, se você olhar o Salmo 119, todas essas palavras são encontradas referindo-se à lei mosaica, à aliança mosaica. E há aqui um problema de cronologia porque Abraão viveu centenas de anos antes de Moisés.

Então, como é que Abraão guardou a lei quando não havia lei? Dê. A única exigência de Abraão era que ele seguisse o Senhor, obedecesse e fosse circuncidado. Mas a eliminação disso em termos de todas as coisas comportamentais a fazer e a manter, e assim por diante, só ocorrerá séculos mais tarde.

E penso que é um indicador muito importante para nós porque mostra que Abraão, na sua própria relação com Deus, viveu a sua vida de uma forma que, séculos mais tarde, se poderia dizer que ele cumpriu a lei. Ele não tinha a lei, mas a sua relação de fé com Deus expressou-se de uma forma que poderia ser julgada posteriormente como tendo guardado a lei. E então, acho que isso nos ajuda a ver isso.

É por isso que escrevi a relação entre essas alianças desta forma, ou seja, que a lei mosaica mostra como a vida deveria ser vivida sob a aliança abraâmica. Por mais massiva que fosse a aliança mosaica, ela revela como a vida deveria ser vivida na fé, num relacionamento de fé com Deus. Então, nesse sentido, está subordinado à aliança abraâmica e conta mais sobre os detalhes essenciais .

Agora, se voltarmos ao capítulo 17, quero focar em outro aspecto das promessas a Abraão. No capítulo 17, versículo 6, está no meio de uma lista de coisas que Deus está dizendo a Abraão que ele dará a ele ou fará por ele. No versículo 6, capítulo 17 diz: Eu te farei extremamente frutífero.

Eu farei de vocês nações. Em outras palavras, os descendentes e os reis virão de você. Então, observe que parte da bênção, parte integrante dos 15 ou 20 itens que podemos listar sobre o que Deus está planejando fazer para Abraão é que reis virão daquela linhagem.

E eu diria que isso é parte integrante das bênçãos. Não são 18 bênçãos e um espinho, uma maldição lançada ali. Oh, vou amaldiçoar você com os reis vindos de sua linhagem.

Não, é parte integrante das bênçãos. Ele reitera isso quando fala com Abraão sobre Sara. E assim, no versículo 16, Deus diz: eu a abençoarei e, além disso, dela te darei um filho.

Eu a abençoarei. Ela se tornará nações e dela sairão reis de povos. Então, novamente, há uma promessa dos reis.

E então, no capítulo 35, algumas gerações depois, temos Deus falando com Jacó, descendente de Abraão. E no versículo 11, temos algo semelhante. Deus diz a Jacó: Eu sou o Deus todo-poderoso.

Eu sou El Shaddai. Seja fecundo, multiplique uma nação e um grupo de nações sairá de você e reis virão de seu próprio corpo. Então isso é realmente interessante porque podemos ver desde o início, parte integrante do que Deus pretendia fazer para Abraão e seus descendentes era que deveria haver reis que viessem da linhagem.

Agora, obviamente, existem reis de algumas nações, os edomitas e outros que vieram dessa linhagem, mas também está se referindo a reis que saíram da linhagem do próprio Israel. Parte integrante das bênçãos. Avançando um pouco para o capítulo 49 de Gênesis, temos Jacó agora no fim de sua vida, quando ele tem seus 12 filhos e todos eles se conheceram no Egito.

Ele reuniu seus filhos ao seu redor e pronunciou uma bênção sobre cada um dos filhos. E você olha para o capítulo, está escrito em forma poética. Há um versículo ou dois para a maioria dos filhos: aqui está a bênção para você, começando pelo mais velho, indo até o mais novo.

E algumas das bênçãos se destacam. A bênção sobre José nos versículos 22 a 26 é especialmente proeminente. E isso não é surpreendente porque José foi o herói do último terço do livro de Gênesis.

Mas a bênção sobre Judá nos versículos 8 a 12 também é muito proeminente. E isso é um pouco mais surpreendente porque Judá, quando o encontramos pela primeira vez no capítulo 38, ele estava fazendo algumas coisas ruins. Ele está sendo seduzido por sua nora, que está vestida de prostituta.

Mas em diferentes momentos, quando há idas e vindas entre o Egito e José lá embaixo, Judá se apresenta e diz as coisas certas e é recompensado com uma boa bênção. Então, vamos dar uma olhada nessa passagem. Gênesis 49 versículo 8. Judá, seus irmãos te louvarão.

Sua mão estará sobre o pescoço de seus inimigos. Os filhos de seu pai se curvarão diante de você. Isso é uma ironia porque no início do capítulo 37, José teve esses sonhos em que os filhos se curvavam diante dele.

E, claro, eles fizeram isso quando desceram e José estava no alto da corte do Faraó. Eles se curvaram diante dele. Mas agora a bênção está voltada para um tempo em que a autoridade será transferida ou residirá mais na linhagem de Judá, não na linhagem de José.

Então, vamos dar uma olhada no versículo 10. Ele diz que o cetro não se arredará de Judá, nem o cajado de entre seus pés. E assim, o cetro é o símbolo da autoridade do rei.

Vara grande, decorada de maneira extravagante na maioria das culturas. E então diz, há versões diferentes lidas de maneiras diferentes nesta terceira linha do versículo 10. King James e NASB dizem até que Siló venha.

NVI e outros dizem até que chegue a quem pertence. E diz ESV até que lhe chegue a homenagem. Eu continuaria lendo a NVI até chegar a quem ela pertence.

Em outras palavras, existe este cetro aguardando um destinatário digno. E olhamos para a estrada e podemos ver que Cristo certamente é isso. Podemos ver talvez o David anterior como o legítimo herdeiro dessa autoridade real.

Mas independentemente de como traduzimos essa terceira linha, o ponto principal do versículo 10 é que a autoridade real residirá em Judá. Assim, vemos as promessas indiferenciadas dos reis vindos da linhagem de Abraão no início do livro. Aqui agora está focado e aprendemos que será da linhagem de Judá que isso acontecerá.

Então, olhamos para frente e temos os primeiros reis séculos depois, Saul, Davi e assim por diante. E há um ensinamento que certamente aprendi enquanto crescia, e é difundido tanto na academia acadêmica quanto na igreja, que quando Israel pediu um rei, foi a coisa errada a fazer e que a intenção de Deus de que Israel nunca deveria ter um rei. Minha opinião, que explicaremos em alguns minutos, é que não, a instituição da realeza fazia parte do plano e da ideia de Deus desde o início.

Vemos isso aqui nessas passagens de Gênesis. E assim, teremos que interpretar o pedido do rei em Samuel que foi um pedido pecaminoso. Teremos que interpretar isso à luz do que vemos aqui nessas passagens anteriores.

E então, tentaremos fazer isso à medida que avançamos. Então, seguindo essa linha de realeza, que leva até a aliança davídica, ela tem suas raízes na aliança abraâmica, e há uma passagem muito importante no livro de Deuteronômio que devemos

consultar agora. Então abram suas Bíblias em Deuteronômio capítulo 17, e veremos algo lá.

E no capítulo 17, se você tem uma Bíblia que tem títulos, provavelmente tem um título entre os versículos 13 e 14 que diz algo sobre a lei do rei, do rei, ou algo parecido. E os versículos 14 a 20, Deuteronômio 17, estão antecipando o tempo em que eles terão um rei. Então, se você se lembra, o livro de Deuteronômio é Moisés olhando para trás, para o que Deus fez por eles e olhando para o futuro, falando à segunda geração que saiu do Egito.

Moisés olhando para a vida na terra. Ele não estará com eles, e esta é uma daquelas passagens em que ele olha para frente e avisa sobre algumas coisas. Então, vamos ver o que diz.

Versículo 14, Deuteronômio 17, quando você entrar na terra que o Senhor seu Deus está lhe dando, e você a possuir e habitar nela, e então disser: Porei um rei sobre mim como todas as nações que estão ao meu redor . Assim, Moisés, no seu próprio tempo, por volta de 1400 AC, antecipou um tempo em que os israelitas diriam: precisamos de um rei tal como as nações que nos rodeiam. Da nossa perspectiva, olhamos para trás e vemos que isso aconteceu nos dias de David, cerca de 400 anos depois.

Mas agora acho que é realmente interessante ver a resposta de Deus aqui através de Moisés, porque Deus não diz, não, você não deveria ter um rei. Em vez disso, o versículo 15 diz que você pode realmente estabelecer um rei sobre você, como todas as nações. Sinto muito, você pode realmente colocar um rei sobre você.

A sintaxe ali em hebraico é uma afirmação enfática. A NVI diz, certifique-se de colocar um rei sobre você, e eu acho que isso meio que interpreta mal as coisas. É mais uma ênfase.

Em hebraico, é um infinitivo absoluto mais um imperfeito, algo *tasim* , e basicamente está dizendo, sim, vá em frente, faça isso. Isso é algo que eu quero que você faça. Então Deus está concedendo permissão para eles terem o rei.

Faz parte do plano dele, mas há uma condição. Existem condições, e há cerca de seis condições agora nos próximos versículos que circunscrevem o tipo de rei que Israel deve ter em oposição ao tipo de rei que existe nas nações. Então, número um, no meio do versículo 16, tem que ser alguém que o Senhor, seu Deus, escolheria.

Não pode ser qualquer um. E então, se você se lembrar da sua história bíblica no livro de Juízes, há um dos filhos de Gideão chamado Abimeleque, que mata seus 70 irmãos, um deles escapa, e Abimeleque se estabelece como rei, e ele reina como rei por três anos, e então ele é assassinado. Mas a Bíblia nunca considerou, e portanto,

tecnicamente, Abimeleque poderia ser visto como o primeiro rei de Israel, mas a Bíblia nunca o trata dessa forma porque Deus não o escolheu.

Ele se estabeleceu como rei com sua própria autoridade. O primeiro critério, Deus tem que escolher o rei. O segundo critério, final do versículo 16, tem que ser alguém dentre seus irmãos para que eles o estabeleçam como rei sobre eles, e não um estrangeiro.

Então, tem que ser um israelita, segundo critério. O terceiro critério, você não deve adquirir muitos cavalos para si mesmo, ou fazer com que o povo retorne ao Egito para adquirir muitos cavalos. Então vamos parar nessa primeira parte.

O rei não deve adquirir muitos cavalos, nem multiplicar cavalos para si. E o que está por trás disso? E meu lado caprichoso diz, bem, Deus não queria que eles apostassem em corridas de cavalos, jogos de azar em corridas de cavalos, mas não é isso. Basicamente, os cavalos eram a espinha dorsal dos militares nas sociedades antigas, especialmente no Egito, em muitos lugares, eles puxavam as carruagens, e as carruagens eram as principais, uma espécie de equivalente antigo dos tanques.

E então deixe-me fazer um desenho aqui para você que ilustra isso. Esta é a minha representação de algo encontrado em uma pintura egípcia em um dos templos. Mostra o faraó em sua carruagem.

Então, esta é a minha horrível representação artística do faraó em sua carruagem. O cavalo está puxando a carruagem. Talvez seja um cavalo muito grávido.

Nós precisamos fazer melhor. Mas isto faz parte de um mural maior. Mas a questão é que isso mostra os inimigos contra os quais ele também está lutando.

E aqui estão os inimigos. Mostra o cavalo do faraó atropelando os inimigos, e eles estão claramente em uma escala diferente. E o ponto principal disso é que o faraó é um grande guerreiro.

Ele é o grande conquistador dos inimigos. Ele é o homem número um na sociedade. E este é o modelo que encontramos em todo o Oriente Próximo.

Você vê isso na iconografia, nas imagens da Assíria e da Babilônia e nos relevos que eles deixaram em seus edifícios. Você vê isso no Egito. Você também vê nos textos que os faraós e os reis assírios e babilônicos partiram.

Eles se retratavam como os maiores da sociedade e assim por diante. Portanto, o modo padrão de como um rei deveria ser no antigo Oriente Próximo era que o rei era o grande guerreiro, ou, por outro lado, o maior guerreiro era aquele que

ascendeu para se tornar o rei. E é isso que Deus está dizendo aqui que o rei israelita não deveria fazer.

O rei israelita não deveria multiplicar cavalos. O rei israelita não deveria ser este modelo. Por que? Bem, sabemos que normalmente quando Israel encontra o inimigo, Deus é quem dá a vitória.

E o líder, seja Moisés, Josué, Davi ou qualquer outro, não deveria exaltar-se, mas antes dar o crédito a Deus. Há toda uma teologia no Antigo Testamento onde falamos sobre Deus é o guerreiro, a teologia do guerreiro divino de que Deus é quem traz as vitórias, e assim por diante. Então isso é algo profundamente contracultural que o rei israelita será.

Não é para ser como as nações. É isso que está por trás dessa ideia. E então, o que Israel estava pedindo, descobrimos mais tarde, eles queriam um rei como as nações.

Eles queriam um rei assim. Mas Deus queria um tipo diferente de rei. Então, vamos continuar.

No final do versículo 16, diz, não faça com que o povo volte ao Egito para adquirir muitos cavalos. Já que o Senhor lhe disse, você nunca mais voltará por esse caminho. Então, o terceiro ponto é que eles não devem adquirir muitos cavalos.

O quarto ponto é não tentar fazer alianças estrangeiras que possam ajudá-lo. Não volte para o Egito, confie neles. Novamente, o subtexto é confiar em mim, confiar no Senhor.

Infelizmente, e ironicamente, centenas de anos depois, nos dias de Jeremias, a Babilônia estava ameaçando Israel e Jerusalém e Jeremias os aconselhou dizendo: chegou a hora em que Deus irá levá-los para a Babilônia e ele irá usá-los como o punição para você. Mas Deus vai trazer você de volta em 70 anos. E então não resista.

Vá para a Babilônia, construa casas lá, crie raízes, floresça onde você está plantado, e Deus o trará de volta no devido tempo. Havia uma facção em Jerusalém, porém, que queria fazer uma aliança com o Egito. E ironicamente e tristemente, eles sequestraram Jeremias e desceram para o Egito.

Foi aí que Jeremias morreu. Então isso é uma ilustração da proibição aqui. Eles foram contra isso.

Então, o quarto ponto é não fazer alianças estrangeiras. Quinto ponto, versículo 17, ele não adquirirá muitas esposas para si, para que seu coração não se desvie.

Portanto, a ideia típica aqui é que o rei está fazendo alianças estrangeiras e talvez eles troquem filhas.

E se eu me casei com sua filha, você é o rei estrangeiro, provavelmente não atacarei sua nação. E então, sexto ponto, ele não adquirirá para si prata e ouro excessivos. Ou em algumas versões eles dizem, nem ele multiplicará prata e ouro.

E assim, o rei não deve tentar enriquecer. Agora, sempre que leio esta passagem e chego a este ponto, há uma espécie de imagem holográfica que vem à minha mente, e tenho certeza de que para a maioria de vocês, vocês estão pensando a mesma coisa, espero, que é, nomeadamente, Salomão. . O rei Salomão tinha centenas de esposas, milhares de cavalos, centenas de esposas e grandes riquezas.

Então, Salomão era o antítipo perfeito do rei ideal aqui em Deuteronômio. Agora Salomão era um grande homem, ele fez coisas maravilhosas, ele era muito sábio, Deus o abençoou, ele escreveu muitos provérbios e assim por diante, mas fundamentalmente no final de sua vida ele falhou justamente por causa das esposas que tiraram seu coração de perto. o Senhor. Primeiro Reis, capítulo 11, disse que ele amava muitas mulheres estrangeiras, incluindo a filha do Faraó e filhas de outras nações, das quais Deus disse precisamente que você não deveria se casar com elas e assim por diante.

Portanto, Salomão é um exemplo trágico do tipo de rei que não é prescrito aqui. Então, eu só quero deixar claro que há um sexto critério para o rei israelita que é, novamente, um critério profundamente contracultural, e Israel deve se destacar e se afastar das práticas dos estrangeiros de muitas maneiras diferentes. Você verá nas maneiras como eles adoravam, e eles adoravam um Deus em vez de muitos, os sacrifícios e tudo mais, mas também no tipo de rei que eles teriam, e o tipo de rei que eles teriam seria muito diferente de os reis e as nações.

Agora, tudo isso é o prefácio para o que veríamos no livro de Juízes, e vamos ao livro de Juízes agora e apontar algumas coisas. Se você abrir o capítulo 8 de Juízes, veremos uma passagem aqui que tem alguma relevância. Primeiro, o contexto aqui é que Juízes 6 a 8 são a história de Gideão, um dos juízes, e Gideão era um grande homem.

Ele derrubou altares, altares pagãos no capítulo 6, e no capítulo 7, temos a pequena história de Gideão com o exército, ele tem 32.000 homens, e Deus diz que isso é demais, então eles deixaram quem quisesse ir para casa ir para casa, acaba com 10.000, mas, novamente, Deus diz que há muitos, e eles têm que passar no teste bebendo de uma certa maneira do livro, e acaba com apenas 300, e há milhares de midianitas que eles estão indo estar lutando contra, e então o ponto principal desta história é com apenas 300 homens contra esses milhares, que se e quando a vitória chegar, é claro, geralmente podemos prever que a vitória virá para Israel se Deus

estiver do lado deles . Se e quando a vitória chegar, será claramente porque Deus lhes deu a vitória, e não por causa de alguma coisa por conta própria. Então, no capítulo 8, vemos a batalha e a vitória, é claro, e eles capturam o rei e assim por diante, mas quero me concentrar agora no rescaldo da batalha, e especialmente em Juízes 8, versículos 22 e 23.

Então, o versículo 22 diz, os homens de Israel disseram a Gideão, isto é novamente depois que a poeira baixou, eles venceram a batalha, eles disseram, governe-nos, você, seu filho, seu neto também, seja nosso rei. Eles estão perguntando a Gideão se eles acham que Gideão deveria ser rei e por quê? Diz porque você salvou a terra das mãos de Midiã. Grande ironia aqui.

Esses homens são idiotas. Eles perturbaram totalmente a lição do capítulo 7 com os 300, e este é o tipo de rei que eles desejam. Eles veem Gideão como o herói conquistador e, por causa disso, ele deveria ser seu rei.

Portanto, os homens de Gideão estão ilustrando precisamente o tipo errado de atitude em relação a quem deveria ser o rei. Então, para seu crédito, Gideon diz todas as coisas certas. No versículo 23, ele diz: não, não dominarei sobre você.

Meu filho não dominará sobre vocês, porque o Senhor, o Senhor, dominará sobre vocês. Então essa é a coisa certa a dizer. Se você quer que eu seja o rei porque sou um grande guerreiro, não, eu sei o suficiente para saber que foi Deus quem deu a vitória e ele deveria ser o nosso rei.

Então, ele disse as coisas certas, mas não estou convencido de que seu coração estivesse totalmente envolvido nisso, porque imediatamente depois disso, ele meio que começou a agir como um rei. No versículo 24, ele diz a ele para trazer todas as suas riquezas. Ele acaba fazendo disso um éfode, seja lá o que for, e isso se tornou uma armadilha para ele e sua família.

No versículo 27, todo o Israel se prostituiu, se prostituiu, tornou-se uma armadilha para Gideão e sua família. Então, de certa forma, ele estava agindo como seu líder, dizendo, traga-me suas coisas e agindo como um rei. E então, ironicamente, ele tem 72 filhos, e um deles, no versículo 31, ele tem uma concubina que lhe deu um filho e ele chamou seu nome de Abimeleque.

E só para dar uma pequena lição de hebraico aqui, a maioria de vocês conhece esta palavra. Esta é uma palavra aramaica que significa pai e papai. Encontre isso no Novo Testamento.

A palavra hebraica para pai é semelhante. É só a Av. E então, se você tiver um I no final, isso significa meu pai.

E então se você tiver esta palavra depois dela, a palavra Melech é a palavra rei. Então, Gideão nomeia seu filho, meu pai é rei, ou meu pai é rei. Acho que há uma grande ironia aí.

Então, mesmo que Gideon tenha dito as palavras certas, ele não terminou bem, digamos assim. E então, é claro, seu filho Abimeleque é quem se estabelece como rei no capítulo 9, e já mencionamos isso antes. Então aqui temos um exemplo representado numa história onde a imagem do rei, do rei ideal Deuteronômio 6-17 é o pano de fundo desta história.

E faremos mais uma coisa com os juízes. E isto é, vamos dar uma olhada no final do livro. E há uma série de declarações repetidas aqui.

E começamos com o capítulo 17, versículo 6. E 17, versículo 6 diz, naqueles dias não havia rei em Israel. Cada homem fez o que era certo aos seus próprios olhos. Nenhum rei em Israel, cada um fez o que era certo aos seus próprios olhos.

Capítulo 18, versículo 1, naqueles dias não havia rei em Israel. Capítulo 19, versículo 1, naqueles dias, não havia rei em Israel, meio que estabelecendo o contexto. Mas então o livro termina na mesma nota, exatamente como 17, versículo 6. Capítulo 21, versículo 25 diz que, naqueles dias, não havia rei em Israel.

Cada um fez o que era certo aos seus próprios olhos. Agora, estaremos palestrando sobre o livro dos juízes nesta série de gravações. Veremos que há uma espécie de trajetória descendente na vida de Israel ao longo desses anos.

Há uma espécie de ciclo repetido. Eu pensaria no ciclo repetido desta forma. Eu não pensaria no ciclo repetido assim, mas sim assim.

É um ciclo descendente moral e eticamente. E assim, as histórias no final do livro ficam cada vez piores. E finalmente chega a este ponto final, e o autor do livro está dizendo, as coisas chegaram a este ponto porque não há nenhum rei piedoso em Israel.

Todo mundo está fazendo o que quer. Então, às vezes essa frase, fazendo o que é certo aos seus próprios olhos, é debatida. Alguns acadêmicos, incluindo um dos meus professores no meu trabalho de doutoramento, argumentaram que fazer o que era certo aos seus próprios olhos era uma coisa boa e que este era o período de paz e harmonia ao longo da história de Israel, quando não havia rei.

E quando os reis vieram, isso foi uma coisa ruim. Mas eu diria que a maioria dos estudiosos argumentaria que não, isso é uma coisa ruim. E fazer o que é certo aos seus próprios olhos, em vez de fazer o que é certo aos olhos do Senhor.

O termo fazer o que é certo aos olhos do vazio ocorre 40 vezes no Antigo Testamento, 30 vezes fazer o que é certo aos olhos de Deus e as outras vezes fazer o que é certo aos seus próprios olhos. Algumas vezes, fazer o que é certo aos seus próprios olhos é meio neutro, tipo, você quer as cenouras ou as ervilhas? Faça o que for certo aos seus próprios olhos. Você pode decidir.

Não é grande coisa. Mas nas outras vezes, nas outras oito vezes, é sempre uma coisa ruim. Está em contraste com fazer o que é certo aos olhos de Deus.

Então, acho que o autor aqui está dizendo que as coisas estão tão ruins porque todo mundo está fazendo o que é certo aos seus próprios olhos. E por que eles estão agindo certo aos seus próprios olhos? É porque não existe um rei piedoso como líder, como modelo. Preciso que você mantenha os dedos aqui nesta passagem.

E quero levá-lo de volta à passagem de Deuteronomio porque peço desculpas por ter esquecido de dizer uma coisa sobre o texto ali. Então, vamos parar aqui, voltando para Deuteronomio 12, 17. E então olhamos para esta lista das coisas que o rei não deve ser ou fazer, Deuteronomio 17, versículos 15 a 17.

Mas agora, os versículos 18 a 20 são as coisas que o rei piedoso deve fazer, deve ser. E então eles não devem se casar, você sabe, multiplicar cavalos, esposas, casar, etc., etc. Mas antes, o que o rei deve fazer, o versículo 18 diz, quando ele se sentar em seu reino, ele escreverá para si mesmo num livro uma cópia desta lei, aprovada pelos sacerdotes levíticos.

Será com ele. Ele o lerá todos os dias da sua vida, para que aprenda a temer ao Senhor seu Deus, guardando todas as palavras desta lei, estes estatutos, cumprindo-os, para que o seu coração não se exalte acima de seus irmãos, para que ele não pode se desviar dos mandamentos nem para a direita nem para a esquerda, para que possa permanecer por muito tempo no seu reino, ele e seus filhos em Israel. Então, qual é a chave do sucesso do rei piedoso? É estar enraizado na Palavra de Deus.

Ele deve estar enraizado na Torá, na lei, e essa é a chave para o sucesso. Portanto, a chave do sucesso não é ser o grande guerreiro. A chave do sucesso depende de Deus.

Agora, voltando à passagem do juiz, esse é o pano de fundo. E eu acho que o autor de Juízes está dizendo, todo mundo está fazendo o que é certo aos seus próprios olhos, porque não havia um rei no lugar, um rei piedoso que seria o modelo para guardar a Palavra de Deus, seguindo o Senhor. O rei não deve ser o modelo do grande guerreiro.

Deus é seu guerreiro. Eles dependem de Deus, e o rei deve ser um modelo. Às vezes pensamos no Antigo Testamento sobre os ofícios de sacerdotes e juiz e rei e profeta, e especialmente os sacerdotes e profetas são os ofícios espirituais.

O rei e os juízes são cargos mais políticos e administrativos. Mas eu diria que até mesmo os juízes e os reis tinham uma função espiritual para eles, especialmente os reis, que devem ser os modelos e os líderes no enraizamento na Palavra de Deus. Então, de certa forma, poderíamos inverter isso, o último versículo de Juízes, e dizer, porque não há rei em Israel, todo mundo faz o que é certo aos seus próprios olhos, porque não há rei piedoso.

Ou, por outro lado, se houvesse um rei piedoso em Israel, as coisas não teriam chegado a este ponto. E assim, de certa forma, o resumo da mensagem do livro de Juízes é que o autor agita uma pequena bandeira e diz: precisamos de um rei. Precisamos de um rei piedoso para combater esse tipo de pessoa que faz o que quer.

Isso faz parte. Então, olhando para o futuro, estamos chegando à aliança davídica. Então, finalmente, a última coisa que faremos aqui neste segmento sobre os convênios e a realeza é olhar para 1 Samuel 8. Então, por favor, leia isso.

E esta é a passagem onde Israel agora pede um rei. É claro que se trata de um pedido pecaminoso, mas tentaremos colocá-lo no contexto do que acabamos de ver. Então, 1 Samuel 8, versículo 1, diz: E Samuel envelheceu, constituiu a seus filhos juízes sobre Israel.

E há alguns problemas com isso. Imediatamente, deveríamos ficar com os ouvidos atentos. Primeiro, é a primeira vez que alguém decide nomear um juiz.

No livro dos Juízes, sempre que surgia a necessidade, era Deus quem suscitava o próximo juiz. Então, Samuel está assumindo a responsabilidade de fazer isso por sua própria autoridade. E não deveria nos surpreender que tudo comece a se desvendar.

Em segundo lugar, parece que pela primeira vez alguém está a tentar estabelecer o que poderíamos chamar de sucessão dinástica. No livro dos Juízes, os juízes foram escolhidos em todo o país. Deus os levantou independentemente um do outro.

Mas Samuel está a tentar nomear os seus próprios filhos e estabelecer uma linhagem familiar de juízes, o que mais uma vez é contrário ao que vimos anteriormente. Portanto, não deveria nos surpreender que as coisas se desenrolassem. No versículo 3, diz que seus filhos não andaram nos seus caminhos.

Eles se desviaram em busca de ganho, etc. E isso faz com que os anciãos do povo venham nos versículos 4 e 5 e peçam a Samuel um rei. Então, no versículo 5, diz: Eis que já estás velho, os teus filhos não andam nos teus caminhos.

Então, designe para nós um rei para, literalmente em hebraico, dizer para nos julgar. Acho que muitas versões dizem para nos governar, para nos liderar, algo assim. Mas a palavra é julgar.

E penso que isso é significativo porque se pensarmos no livro dos Juízes, a função principal dos juízes, eles foram criados em resposta a uma ameaça militar. E Deus levantou o próximo juiz para ajudar contra isso. Então aqui estão eles pedindo que um rei faça o que os juízes fizeram, ou seja, liderá-los na batalha.

A diferença é que os juízes foram formados em épocas e lugares diferentes de forma ad hoc. E então eles seguiram seu caminho. Um rei seria alguém com uma burocracia estabelecida, seria uma instituição estabelecida que seria um grande fardo.

E Samuel fala sobre isso nos versículos seguintes. Então, eles pediram um juiz para eles como as nações. Então, o que eles estão fazendo? Eles estão pedindo isso.

Eles estão pedindo um rei segundo o modelo do que está ao seu redor. Portanto, não deveria nos surpreender que Samuel esteja zangado com isso no versículo 6. Ele está descontente. E Deus diz no versículo 7, não se preocupe com isso.

Eu cuido de você. Eles não estão rejeitando você. Eles estão me rejeitando.

Muito claramente, o pedido de um rei aqui em 1 Samuel 8 é um pecado. E é uma rejeição de Deus como seu rei. Agora, esta é a passagem onde aprendi, e muitas pessoas argumentariam que a questão é que Deus queria que eles nunca tivessem um rei, que ele deveria ser apenas seu rei e nunca ter um rei humano.

É por isso que aprendi que essa foi uma espécie de segunda melhor concessão relutante de Deus ao pedido pecaminoso de Israel. Mas a minha opinião hoje é mais do que não, o cargo de realeza fazia parte do plano de Deus desde o início. E seria um tipo muito especial de realeza, um tipo contracultural de rei.

E esse era o seu plano. E a razão do problema não é o fato de terem solicitado um rei. A razão do problema é que tipo de rei eles estavam pedindo, um rei segundo esse modelo.

Então, Samuel lhe dá um aviso sobre todos os fardos que o rei terá nos versículos 11 a 18. Mas agora no versículo 19, o povo continua a recusar e sua motivação fica mais clara. Então, no versículo 19, 1 Samuel 8, o povo se recusou a obedecer à voz de Samuel.

Eles disseram: Não, haverá um rei sobre nós para que também sejamos como as nações. Bem, sabíamos disso desde o versículo cinco, que nosso rei pode nos julgar.

Também sabíamos disso no versículo cinco, mas a última cláusula do versículo 20 nos dá a motivação real para que ele possa sair diante de nós e travar nossas batalhas.

Então isso deixa claro. Este é o tipo de rei que eles estavam pedindo. Acho que se eles tivessem vindo a Samuel e dito, dê-nos um rei para nos liderar no estudo da Torá, Samuel teria dito, ótima, boa ideia.

Então, novamente, o que quero dizer é que não é o fato de eles terem pedido um rei, mas o tipo de rei que eles queriam. E essa foi a razão do seu pedido pecaminoso. Então Deus começa a ideia de que os reis são o meio de abençoar as nações através da aliança abraâmica.

Em última análise, leva à aliança que Deus faz com Davi. Você pode ver isso sozinho. Está em 2 Samuel 7. Lembre-se de que Saul é o primeiro a ser estabelecido como rei, mas ele dá vários tiros no próprio pé e é rejeitado como rei.

Davi, da linhagem de Judá, é então estabelecido e Deus faz grandes promessas a ele em 2 Samuel 7, de que um descendente seu sempre estaria no trono. E, claro, traçamos isso através dos profetas e no Novo Testamento como levando à grande nova aliança. Então, vamos terminar olhando para o Novo Testamento, uma passagem, e está em Mateus 1. Então, Mateus 1 é a introdução do livro, obviamente, e tem a genealogia de Jesus, versículos 1-17.

E está dividido nesses três agrupamentos de 14 nomes por peça, 42 nomes no total. Mas olhe para o começo. O versículo 1 é essencialmente o título do livro, mas também o título da genealogia.

A genealogia do versículo 2 começa com Abraão e nos leva até Jesus no versículo 16. Mas o título do livro, o título da genealogia diz isto, o livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão. Agora, todos esses nomes seguintes são ancestrais de Davi.

Então, desses 42 nomes, por que esses dois foram escolhidos para o título do livro? E acho que a resposta está nesta imagem das alianças, que Mateus está dizendo, quero apresentar a história do Messias. Quero apresentar a história da nova aliança ancorando-a nesses picos gêmeos da teologia do Antigo Testamento. Esses são pilares gêmeos em todo o Antigo Testamento, e isso leva à nova aliança.

E essa é a maneira de Mateus dizer: você não pode entender a história de Jesus sem entender as promessas que Deus fez a Davi e Abraão. E então, este não é apenas um símbolo de descendente de sangue daqueles dois, o que é claro que era, mas Mateus está usando esses dois nomes para nos contar sobre a teologia que ele deseja construir sobre esses picos gêmeos da teologia do Antigo Testamento. . Então, tudo

isso nos ajuda a ver a estrutura dos livros dos quais estamos falando nesta série de palestras, Josué, Juízes e Rute. Podemos ver uma série de coisas nesse sentido.

Este é o Dr. David Howard em seu ensinamento sobre os livros de Josué até Rute. Esta é a sessão 11, Excursus dos Convênios.